

Revelado no audiovisual em novelas de sucesso, após percorrer uma viagem pessoal e profissional de quase uma década por Portugal e Irã, Adriano Toloza retorna ao país onde tudo começou, com personagem misterioso que embarca para causar turbulência no voo de *Três Graças*

POR PATRICK SELVATTI

O voo de Adriano Toloza nunca foi em linha reta. Ele começou subindo devagar, rompendo nuvens brasileiras, atravessou fronteiras, cruzou mares e desertos, pousou em latitudes inimagináveis para um ator que, lá atrás, no início, apenas sonhava em contar histórias. Hoje, depois de sete anos morando em Portugal, de se tornar rosto conhecido no Irã, de ouvir aplausos em línguas que precisou reaprender para entender, ele volta para o lugar onde deu seus primeiros passos diante das câmeras. E volta pela porta principal: o horário nobre da TV Globo, no mistério de um personagem chamado Angélico, que chega para causar turbulência na viagem em curso de *Três Graças*, novela de Aguinaldo Silva, Virgílio Silva e Zé da Silva.

Há um brilho contido quando o paulistano de 42 anos fala desse retorno. "Foi lá que comecei minha carreira no audiovisual", diz, como quem reencontra uma antiga casa. Ele se sente reconhecido em muitos lugares do mundo, mas quase desconhecido para parte do público brasileiro que o viu nascer como ator. "Sinto que grande parte das pessoas que acompanharam meu início não assistiram aos trabalhos que fiz depois. Sou mais reconhecido em Portugal e no Irã do que no meu próprio país", observa. "Voltar depois de tudo o que aprendi, com uma história tão especial, é muito simbólico", comemora.



# DE VOLTA PARA CASA

# COM O MUNDO NO BOLSO

O público conhecerá Angélico aos poucos, justamente como o ator tem sido convidado a conhecê-lo. É mais uma dessas figuras que caminham na sombra, um lobo vestido de gentileza, atravessando a comunidade da Chacrinha com sorriso cordial e olhos atentos. "O mistério é atraente em qualquer ser humano", reflete. "O que me atraiu nele foi a descrição. A dificuldade de segurar a ansiedade do público e a minha também. É um personagem que vou descobrindo semana a semana."

Ele não revela muito, mas entrega o essencial: "É um homem extremamente discreto, simpático e disponível. Ele precisa ser simpático para gerar confiança."

E é curioso ouvi-lo falar em controle: já interpretou sadomasoquistas, homens moralmente dúbios, vilões que se escondem na gentileza. Angélico, porém, é outro tipo de sombra: a que se confunde com a luz. E, para o intérprete desses indivíduos complexos, há um desafio ético na interpretação de

quem manipula pessoas vulneráveis. O filho de um juiz e de uma procuradora da justiça, formado em psicologia e em administração de empresas, sabe, e mergulha nisso com verdade. "Todo mau caráter tem justificativa para si mesmo", defende. Para dar humanidade ao que nasce torto, o ator se obriga a enxergar de dentro, defendendo o personagem, encontrando traços que expliquem sua arrogante crença de estar certo. "É complexo. Às vezes, sofrido", reflete. A arte, ele lembra, também denuncia. E essa dualidade é o seu campo de batalha.